Aula 10

A RENOVAÇÃO DAS MATRIZES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

META

Apresentar aos alunos as matrizes teórico-metodológica da Geografia Brasileira

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar as matrizes originárias que influenciaram a formação do pensamento geográfico brasileiro.

Rosana de Oliveira Santos Batista

INTRODUÇÃO

Prezado (a) aluno (a), nesta aula veremos uma análise acerca das Matrizes que fundamentam a geografia no Brasil. Nossa preocupação está atrelada a reflexão da brasileira que se desenvolveu a partir da década de 1950, no bojo do surgimento da Geografia Clássica, que surge no cenário científico como projeto da revolução burguesa.

AS MATRIZES DA GEOGRAIFA BRASILEIRA

Matrizes são formas de pensamento que partem de um núcleo racional por meio do qual uma estrutura global emerge como discurso do mundo. O conceito de matriz supõe clareamento do campo epistemológico dos pensadores em seu aprofundamento conceitual e ideológico. Nesse sentido, o campo da ciência geográfica possui matrizes que tiveram suas bases a formação dessa ciência na modernidade.

A geografia moderna nasce como um projeto de revolução burguesa. O formato de ciência que compreendemos nos dias atuais foi projetado por I. Kant no século XVIII, que se preocupava com o estado de degeneração da filosofia em relação ao avanço científico. O avanço da ciência ocorreu mediante o campo de interpretação da natureza, no entendimento aristotélico de mundo e da percepção sensível e o conjunto das teorias Copernicanas, de Galileu e Newton. O novo conceito reduz tudo ao inorgânico, retirando uma concepção de natureza sem o orgânico e o ser humano.

A ideia de natureza dividida em duas ordens (orgânica e inorgânica), não estava mais sendo anunciada, e sim enquanto um só organismo. “A ciência tinha como missão compreender a natureza em sua história e funcionamento. Assim, o culto a natureza, no sentido romântico, impregnou certas obras literárias da época”. (BATISTA, 2013, p. 141).

Kant buscou uma combinação sistemática do conhecimento criado pela ciência no plano da natureza e de uma incorporação do homem, mas sem seu discurso. Para este filósofo é necessário pensar natureza e homem nos planos empíricos e filosóficos e, seu ponto de apoio foià ciência geográfica e a história. A geografia vai à busca os conhecimentos empíricos concernentes a natureza e a história ao homem. Esta geografia pensada por Kant é um agregado de conhecimentos empíricos de todos os âmbitos, organizados em grupos de classificação; uma taxonomia do mundo físico, no sentido aristotélico do termo. (GOMES, 2010).

Kant não realiza grandes transformações na geografia, mas confere a percepção geográfica do mundo físico o rigor da discrição taxonômica do conceito de espaço. O espaço kantiano é um dado a priori da percepção, um plano de extensão geométrica preexistente ao olhar humano. Nesse contexto, Santos (2004) afirma que a geografia ganha sentido de localização

e distribuição, utilizadas no aperfeiçoamento da representação cartográfica através da combinação: percepção sensível e precisa da matemática.

Karl Ritter será o geógrafo que dará maturidade as ideias kantianas. O ponto de referência é a cartografia que o geógrafo transforma em método comparativo. A geografia na modernidade com Humboldt vai ser orientada nesse mesmo seguimento. Humboldt vai partir da ordem de classificação e corográfica das paisagens para tomar as formas da vegetação, que designa a geografia das plantas, para o exercício do método comparativo. (GOMES, 2002).

Batista (2013) afirma que, ao escrever "Os Quadros da Natureza", uma relevante obra que estabelece a relação entre o mundo físico e as atividades dos seres humanos, demonstra a profundidade dos sentimentos que a contemplação e o prazer da natureza provocavam nos seres humanos. Em Cosmos, outra obra de mesma relevância, Humboldt (CAPEL, 2008) analisa a diversidade da natureza e os estudos do Universo, discutindo sobre os limites em se fazer uma exposição física e descritiva da natureza.

No século XX a geografia física e a geografia humana vão ser agregadas ao pensamento geral da ciência geográfica. A geografia física vai estar concentrada na geomorfologia, climatologia e biogeografia e a geografia humana encontrará seus fundamentos no agrário, no urbano, na população, na indústria, na economia e consumo. Assim, a dualidade geográfica (físico e humano) vão ter suas teorias diferenciadas pelos modelos matemáticos (física) e sociológicos (humana).

O período moderno que se estendeu a geografia Clássica identifica-se com o pensamento brasileiro, sobretudo com a geografia francesa e norte-americana. Dentre as matrizes de pensamento que influenciaram o pensamento geográfico brasileiro estão os ideais de comunidade e libertarismo de ElisèeReclus. Esta matriz expressa a visão libertária de mundo, onde o espaço é a categoria chave de seu constructo.(GOMES, 1996).

Para Reclus, a geografia é o meio do qual o homem pode se compreender como natureza e história, pois a geografia cede ao homem a medida da sua dimensão libertária na história. De acordo com EliséeReclus, "o homem é a natureza tomando consciência de si própria" (Reclus, 2010, p.105). Dessa forma, o espaço é a prisão dos homens e ao mesmo tempo sua possibilidade de emancipação libertária.

Para Reclus (2010), a natureza seria um modelo de organização anarquista de sociedade, a partir de sua harmonia, cooperação na luta pela vida. Para este a ciência geográfica não vê isoladamente a paisagem ou a ação do ser humano, mas a partir de como ocorrem às relações estabelecidas entre sociedade e meio, que vão além de descrições de paisagens, pensando o território em sua totalidade, onde ocorrem transformações tanto na natureza, quanto nos seres humanos. A natureza é determinada pelas ações humanas na formação das cidades, bem como no campo. (BATISTA, 2013).

Para Lacoste (2005), a filosofia anarquista Reclusiana esteve atrelada em todo tempo as análises geográficas reclusianas, na qual fundamenta

a luta pela liberdade de todos os indivíduos no meio social. Suas ideias eram balizadas pelas denúncias de opressão mediadas pelas relações de dominação do Estado capitalista que eleva ao poder e riqueza a classe dos ricos em detrimento dos pobres e, por estas razões, a geografia reclusiana foi colocada no ostracismo. A geografia de Vidal de La Blache e F. Ratzel privilegiou o conhecimento geográfico funcional ao Estado e seus grandes expoentes foram elevados a categoria de fundadores da geografia moderna. (BATISTA, 2013).

A matriz de Vidal de La Blache surge pela ideia de civilização e gênero de vida. Esta expressa a visão de contingência como modo de ser do homem no mundo. Para o âmbito da geografia, a contingência é a possibilidade de livre escolha que o homem se relaciona com a natureza no momento da construção geográfica. O gênero de vida é o veículo básico dessa construção, que orienta hábitos e costumes materializados. A civilização é fruto da ação histórica dos seres humanos em sua relação com o meio natural.

No pensamento geográfico norte-americano surge Sorre que tem no bojo de sua expressão a concepção complexo ecológica de mundo do homem. A estrutura da vida humana pauta-se numa inter-relação de complexos que é o ecúmeno. A unificação de todos os espaços num só ecúmeno soma-se ao caráter cosmopolita da vida, numa rede de complexos, com instabilidades e tensões de uma sociedade industrial e urbana.

A matriz de Hartshorneé estabelecida pela diferença e significação. Esta matriz reafirma, segundo Moreira (2008), como teoria geográfica própria e atual na compreensão de nosso tempo, pois a ideia desse geógrafo pauta-se na superfície terrestre como âmbito plural e morada do homem. O resgate da superfície terrestre como base da geografia trás consigo possibilidades metodológicas diferenciadas como: a similaridade, o contraste, a variação e a comparação, que reaparecem como categorias de método.

Diante de todas essas matrizes e conceitos a geografia brasileira vai surgir com base teórico-metodológica estruturada. A geografia brasileira que se desenvolve na metade do século XX atinge seu auge com a realização do congresso da UGI – União Geográfica Internacional, na cidade do Rio de Janeiro em 1956.

A RENOVAÇÃO DAS MATRIZES BRASILEIRAS

A geografia brasileira, inicialmente, vai a busca de uma leitura voltada para descrição e classificação, distribuição e localização das paisagens do Brasil acumuladas no tempo. Essa intenção foi causada pela vontade dos geógrafos brasileiros de criar um modo próprio de olhar, ler e explicar as paisagens brasileiras.

A partir da literatura dos viajantes, sertanistas, naturalistas e artistas, além do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é que se acrescentaram

as primeirassistematizações bibliográficas da cartografia do Brasil, que classificaram um rico acervo de obras e registros fotográficos, discussões e narrativas da geografia brasileira dos primeiros séculos. (MOREIRA, 2008).

Esse impressionante acúmulo de leitura e visualização das paisagens e da trajetória de organização geográfica da sociedade brasileira, traça um amplo quadro do ambiente em que vai contribuir com a formação do pensamento geográfico brasileiro. Moreira (2008) denota que no início do século XIX Manuel Aires de Casal escreve a linguagem e o modo de ver geográfico oitocentista. Nesse mesmo momento, Ritter publica seus escritos sobre a geografia comparada, mas ainda trabalhando com características da geografia descritiva.

Com Carlos Delgado de Carvalho surge o discurso moderno de ler a geografia, na influência do pensamento francês. A presença desse geógrafo contribuiu para a criação dos cursos universitários da USP- Universidade de São Paulo e logo em seguida as demais universidades do país. A contribuição do pensamento geográfico alemão vem com Everaldo Backheuser, que adota por meio da adaptação da sociedade brasileira a antropogeografia de Ratzel. (Moreira, 2008).

A partir da segunda metade do século XX com essa geração de geógrafos, inicia-se a história da geografia brasileira, cujo melhor espelho é a série de livros produzidos pelos trabalhos de campo apresentados na UGI.Os franceses Pierre Monbeig e Pierre De La Fontaine são os primeiros convidados a darem cursos de geografia no Brasil. Monbeig contribuiu com as análises sobre a geografia humana, agrária e física, com base nas análises territoriais.

Em paralelo a formação e produção acadêmicas das universidades, no IBGE desenvolvem-se uma linha de ciência mais próxima da geográfica aplicada, num formato brasileiro. Com a chegada de F. Ruellan constitui-se uma ponte entre a universidade e o IBGE. As atividades de Ruellan ocorrem praticamente na geomorfologia, com a visão integrada da paisagem em suas aulas vai influenciar na formação e nos rumos da geomorfologia brasileira nos primeiros anos. (MOREIRA, 2008). O pesquisador Waibel, discípulo de Hetner, chega ao Brasil para orientar trabalhos científicos no IBGE. Desenvolve pesquisas no campo da biogeografia e da geografia agrária, na visão integradora dos elementos da paisagem.

A geografia brasileira desenvolve pesquisas no século XX nos mais variados campos do saber e a climatologia entra nos debates científicos pelos pesquisadores Ary França, Carlos Augusto Monteiro, Aziz Ab' Saber e Bigarella. Na geomorfologia temos Osório de Andrade, Antônio Carlos Teixeira Guerra, Pedro Pinchas Geiger, Manuel Correia de Andrade, que darão sequência aos trabalhos de Weibel e Monbeig.

O movimento de renovação do pensamento geográfico brasileiro vai ocorrer a partir da década de 1970, com a eclosão da revisão do pensamento clássico dessa ciência. Nos Estados Unidos eclodirá o nascimento da Nova

Geografia, que orientada pelo positivismo vai implantar novas formas de ler o espaço pela adoção de modelos e sistemas. O pressuposto marcante dessa ordem é a estrutura matemática nos padrões empíricos de organização espacial dos fenômenos.

Na França Pierre George faz duras críticas a Nova Geografia/geografia aplicada, levantando a geografia Ativa no seio do pensamento científico, que tem em sua base o sentido dialético da filosofia de Karl Marx. Para esse geógrafo, a geografia Ativa é uma ciência da ação teórica e prática ao mesmo tempo. Surge nesse momento histórico a necessidade de buscar uma nova teoria geral da geografia, que irá permitir ver a realidade a partir de seu contexto histórico.

No fio condutor da renovação do pensamento geográfico, observa-se a ideia de regulação em busca da paisagem ou da produção e reprodução do espaço. Dessa forma, a geografia brasileira vai de encontro a novas teorias, no final da década de 1980, para ler o espaço a partir de sua produção. Essa nova forma de ler o fenômeno geográfico é a geografia Crítica que tem seu maior expoente o geógrafo Milton Santos. Para esse geógrafo, o espaço deve ser lido a partir de seus processos, formas, funções e estruturas. Assim a ciência geográfica toma novos rumos nas análises acerca de seu objeto de estudo.

Na atualidade a geografia tem se utilizadoos mais diversos métodos como reflexão de suas categorias analíticas: espaço, paisagem, território, região e lugar. Assim, o pensamento geográfico desenvolve-se de acordo com as mudanças nos campos teóricos da comunidade científica. Moldada a teorias e paradigmas a ciência e vai num passo de efemeridade das teorias modernas e pós-modernas nas academias brasileiras.

CONCLUSÃO

O pensamento geográfico brasileiro foi influenciado pelas matrizes teórico-metodológicas da teoria Clássica. Na formação de seus centros de pesquisa, foram fundamentais as presenças de geógrafos franceses e alemães no Brasil iniciando os grandes centros do saber, as universidades. O desenvolvimento da matriz brasileira ocorreu principalmente pela via dos métodos comparativo e positivista, que permitiram o desenvolvimento do grande acervo de livros, pesquisas eclodindo em congressos internacionais que deram visibilidade ao pensamento geográfico brasileiro.

RESUMO

Nesta aula vocês conheceram as matrizes teórico-metodológicas que fundamentaram o pensamento geográfico no início do século XX.

ATIVIDADES

Cite os principais geógrafos que contribuíram com a formação do pensamento geográfico brasileiro.

AUTOAVALIAÇÃO

No fim dessa aula, o aluno deverá conceituar matriz teórico-metodológica, citando as principais contribuições ao pensamento geográfico brasileiro.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosana de Oliveira Santos. **As afinidades seletivas do pensamento reclusiano: na trilha da confluência das ideias de Rousseau**, 2013. (Tese de Doutorado 2013 no Núcleo de Pós Graduação em Geografia na Universidade Federal de Sergipe).

LACOSTE, Y. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema Político para os pesquisadores, estudantes e Cidadãos. Boletim paulista de geografia.** S.P, 2006.

GOMES, P. C. C. **Culturas teóricas, culturas políticas no pensamento geográfico**. In:CASTRO, I. E. ; MIRANDA, M. ; EGLER, C. A. Redescobrindo o Brasil: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010. p. 335-339.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. SãoPaulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

RECLUS, Élisée. **Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas.** São Paulo: Expressão e Arte: Ed. Imaginário, 2010.